

Taxa de juros já dá sinais de declínio

Belo Horizonte — O ministro do Planejamento, Paulo Haddad, disse, que o governo já pode apresentar sinais de queda nas taxas de juros. Ele revelou que o principal instrumento do governo federal tem sido a redução na taxa de juros no mercado de títulos da dívida pública federal. “No último leilão no governo Collor, no final de setembro, o título da dívida pública foi negociado com taxa de 30,5 por cento. No dia 30 de dezembro, quarta-feira passada, nós fizemos o último leilão e pagamos 19 por cento”, comparou o ministro.

Segundo Haddad, venceram Cr\$ 13 trilhões de papéis do Governo Federal. “Nós compramos Cr\$ 7 trilhões e rolamos Cr\$ 6 trilhões, o que significa que houve uma diminuição da dívida pública. Normalmente o Governo rolava tudo”, salientou o ministro. Ele acredita que este comportamento do Governo será suficiente para contribuir para a redução nas taxas de juros. “Porque o Governo mostra que tem recursos para diminuir a dívida”, destacou.

Outro sinal de redução da taxa de juros, detectado por Haddad, é a compra da taxa da dívida pública a longo prazo, negociada

a 17 por cento. “Isso quer dizer que o pessoal está apostando na queda da taxa de juros. Estamos chegando perto dos 12”, comemorou. O principal instrumento para a redução da taxa de juros, de acordo com Haddad, será a aprovação do ajuste fiscal. “O ajuste fiscal permite fazer **superavit** para comprar a dívida”, explicou.

Acordos — O ministro do Planejamento, Paulo Haddad, revelou ainda que a escolha do setor automobilístico para inaugurar os acordos setoriais de crescimento econômico visa beneficiar não apenas uma área isolada, mas o conjunto da economia. O Instituto de Pesquisas Econômicas e Administrativas (Ipead), da Universidade Federal de Minas Gerais, está preparando um estudo para mostrar os efeitos do encadeamento da indústria automobilística.

“É o setor com a cadeia produtiva mais completa”, salienta Haddad. “Ao se produzir um carro são gerados efeitos de dispersão para trás, que você chega a atingir praticamente todos os setores. Para produzir um carro você precisa de aço e para produzir o aço você precisa de minério e para extrair o minério você preci-

sa de dinamite e por aí em diante”, explicou o ministro.

“Não é só a cadeia produtiva que é forte. Para frente tem uma cadeia de comercialização muito intensa, de oficinas, prestação de serviços”, destacou o ministro. Além disso, pesou também a organização do setor, que tem a tradição de cumprir os acordos com o Governo e uma liderança lúcida. “Outro motivo é a capacidade de exportação intensa, com uma rede de comercialização organizada”, afirmou.

No caso da agroindústria, o segundo setor, a situação está um pouco mais atrasada e o Governo aguarda o envio da proposta do setor. “O caso é um pouco diferente, por que o setor da agroindústria é condicionado pela safra. Temos de esperar a safra e em termos de economia popular o Presidente gostaria que o acordo incorporasse uma cesta básica que tivesse preços acessíveis à população assalariada”, disse o ministro. “Seria um conjunto de produtos produzidos em larga escala para consumo popular”, afirmou Haddad, que ainda vai definir com os representantes do setor as regras para fixação dos preços. “Não haverá nenhum tabelamento”.